

Economia

EXTERNA

O BRASIL EM DISCUSSÃO

Está nascendo no País um novo modelo econômico, voltado para a internacionalização, afirma o especialista

Jorge Hori. Mas ainda há perigos a serem enfrentados.

Vamos exportar mais

Um novo modelo econômico para o Brasil "já está em gestação", e baseia-se no ingresso no mercado mundial — "a soma dos mercados interno e externo" — segundo o administrador Jorge Hori, que tem larga experiência na consultoria a empresas públicas e ao Estado, e agora está passando a atuar mais intensamente na área privada. "O Brasil está salvo — diz Hori — mas não necessariamente o povo brasileiro." Isto porque a nova conformação da economia não será, necessariamente, desconcentradora de renda. Ao contrário, poderá até crescer a concentração que faz do País um dos mais desequilibrados do mundo.

O novo modelo corresponde à internacionalização da economia. Com ela, o Brasil deverá estar, dentro de uma década, exportando 20% do Produto Interno Bruto. E para exportações de US\$ 70 bilhões, calcula, deverá importar US\$ 50 bilhões anuais. Uma meta intermediária, de exportar US\$ 40 bilhões e importar US\$ 25 bilhões anuais, já estaria assegurada como resposta do parque industrial brasileiro ao desafio da recessão de 1981/83. Para exportar US\$ 40 bilhões, os investimentos já estão feitos, nota o consultor. Agora, uma segunda rodada de investimentos será a resposta à atual fraqueza do mercado interno, determinada pela queda na renda pessoal, inflação elevada, que convivem com uma política cambial razoável e com a existência de mercados externos crescente.

Neste momento, o Brasil está saindo de um modelo voltado para o mercado interno, cujos elementos básicos são: 1) a industrialização para substituir importações; 2) o Estado como promotor da atividade privada, caracterizando-se por administrar cartórios — IAA, IBC, CDI, Sudene, Sudam, BNDES, Sunamam, Banco Central; 3) a metropolização e a concentração espacial, ou seja, atividades concentradas nas capitais, atraindo serviços, a construção civil e, enfim, as pessoas, em ritmo superior à capacidade de absorção. "As metrópoles incharam e criaram, em torno das atividades econômicas, um grande anel de pobreza, que sobrevive baseada na economia informal."

A concentração de renda pessoal e de atividades levou o modelo ao esgotamento, ao contrário do que aconteceu nos Estados Unidos, em que o mercado interno susten-



tou o crescimento. Adicionalmente, esgotaram-se o financiamento público e o financiamento externo, o que levaria à decadência, observa Hori, diretor da Planasa — Planejamento e Assessoria Administrativa.

Novos valores

A mudança é difícil e implica aceitar novos valores. "Os industriais reconhecem que têm de mudar, buscar competitividade, mas, se tiverem oportunidade, vão pedir isenção fiscal. O vício de buscar proteção oficial é muito forte. Cada um quer que o outro mude primeiro."

O novo modelo começa com uma expansão das vendas ao mercado externo pelas empresas estatais e, principalmente, multinacionais. Na área estatal, os exemplos são o setor siderúrgico e o petroquímico (em parte privado), além da Embraer. Quanto às multis, o esforço vem principalmente das indústrias automobilística e química. E a indústria de celulose é um exemplo desse esforço pelas empresas nacionais.

O Brasil, segundo o consultor, descobriu com atraso o filão que o mercado norte-americano representou para os "tigres" asiáticos (Coréia, Cingapura, Formosa e Hongkong), como consequência da desconcentração da produção de manufaturas. (Os Estados Unidos detêm a engenharia, o marketing, a assessoria técnica, a distribuição, mas suas fábricas são "ocas".)

Hoje, vive-se um novo surto de abertura do comércio internacional, ante a pressão para a abertura dos mercados europeu e japonês, inclusive dos "tigres" que já têm renda doméstica e reservas cambiais. "O Brasil está entrando nessa abertura", assinala o consultor. E, como as exportações, "vai-se evitar a recessão da produção, o PIB vai continuar crescendo".

O essencial, adverte Hori, é que as empresas nacionais percebam e acompanhem o processo. É a forma para evitar um aumento na concentração de renda, que decorreria da sua liderança pelas multinacionais, que investem mais pesadamente na automação e na robotização.

Esse caminho, avança Hori, é vital para o Brasil. "Enquanto o País não gerar reservas cambiais e não liberalizar as importações, não há possibilidade de estabilizar os preços internamente. E o Plano

Cruzado mostrou que, para elevar a renda interna, só liquidando com a inflação." O elemento central é aumentar a capacidade de importação da economia brasileira — seja para permitir uma inflação baixa, seja por que essa inflação promove o aumento real dos salários (que não mais são desgastados pelos preços crescentes) e, enfim, pelo estímulo ao próprio mercado interno.

Essa perspectiva não escapa às empresas multinacionais. Elas sabem que investir no Brasil é melhor do que investir na Tailândia ou no Chile, ante o fato de que o mercado interno brasileiro é muito maior e promissor.

Há, afinal, uma estratégia por trás desses movimentos: "Ou você fecha a economia para não pôr em risco a soberania, que é a posição da esquerda, ou você abre e procura criar mecanismos para fortalecer a posição nacional. Um dos mecanismos passa pela transnacionalização da empresa brasileira — ela tem de entrar nesse novo jogo".

E muitas, de fato, já estão entrando. Hori identifica até instituições bancárias criando redes internacionais. De fato, assinala, é preciso tratar com elementos novos, como um aumento das importações pelos tigres asiáticos, e com a transformação de países como a Tailândia, as Filipinas, a Malásia e a Indonésia em produtores físicos para a indústria japonesa, à semelhança do papel dos tigres em relação aos Estados Unidos.

Para o Brasil, a mudança de modelo envolve ainda a desestatização — só que Hori acredita que o essencial não é a venda das estatais, mas sim o fato de os investimentos privados passarem a liderar o processo, inclusive atuando na infra-estrutura, como energia e transportes, "o que é mais importante do que assumir o que já foi feito". A receita final contempla a interiorização — "não como um processo planejado, mas como uma resposta ao desafio", conclui. (F.P.J.)